

**ANA BEATRIZ BARBOSA SILVA**  
AUTORA DE **MENTES CONSUMISTAS**

Mais de  
600 mil  
exemplares  
vendidos

# mentes perigosas

**O PSICOPATA MORA AO LADO**

Edição revista e ampliada



  
principium

**Ana Beatriz Barbosa Silva**

**MENTES PERIGOSAS - o psicopata  
mora ao lado**



principium

copyright © 2014 by Ana Beatriz Barbosa Silva  
copyright © 2014 by Abbs Cursos e Palestras Eireli

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa  
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

*Editor responsável:* Carla Fortino  
*Editor assistente:* Sarah Czapski Simoni  
*Editor digital:* Erick Santos Cardoso  
*Preparação de texto:* Luciana Garcia  
*Revisão de texto:* Ana Maria Barbosa e Isabel Jorge Cury  
*Projeto gráfico:* Mateus Valadares  
*Paginação:* Linea Editora Ltda.  
*Capa:* Adriana Bertolla Silveira  
*Imagens da capa:* Dimitri Otis/Getty Images

2ª edição, 2014

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S578m  
Silva, Ana Beatriz B. (Ana Beatriz Barbosa)  
Mentes perigosas : o psicopata mora ao lado / Ana Beatriz Barbosa Silva. – 2. ed. – São Paulo : Globo, 2014.

ISBN 978-85-250-5783-9

1. Psicologia criminal. 2. Psicopatologia. I. Título.

CDD: 364.3  
14-12841 CDU: 364.634:159.9.019.4

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.  
Av. Jaguaré, 1485 – 05346-002 – São Paulo / SP  
www.globolivros.com.br

# Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Dedicatória 2](#)

[Prefácio](#)

[Introdução](#)

[Epígrafe](#)

[1 - Razão e sensibilidade - Um sentido chamado consciência](#)

[Epígrafe](#)

[2 - Os psicopatas - Frios e sem consciência](#)

[Epígrafe](#)

[3 - Pessoas no mínimo suspeitas](#)

[Epígrafe](#)

[4 - Psicopatas - Uma visão mais detalhada — Parte 1](#)

[Epígrafe](#)

[5 - Psicopatas - Uma visão mais detalhada — Parte 2](#)

[Epígrafe](#)

[6 - Os psicopatas no mundo profissional](#)

[Epígrafe](#)

[7 - Foi manchete nos jornais](#)

[Epígrafe](#)

[8 - Psicopatas perigosos demais](#)

[Epígrafe](#)

[9 - Menores perigosos demais](#)

[Epígrafe](#)

[10 - De onde vem isso tudo?](#)

[Ilustração](#)

[Epígrafe](#)

[11 - O que podemos fazer?](#)

[Epígrafe](#)

[12 - Manual de sobrevivência](#)

[Epígrafe](#)

[13 - Alguma coisa está fora da ordem](#)

[ANEXO A](#)

[ANEXO B](#)

[ANEXO C](#)

[Sites úteis](#)

[Telefones úteis](#)

[Bibliografia](#)

[Contatos da Dra. Ana Beatriz Barbosa Silva](#)

[Notas](#)

*A todas as pessoas “de bem” que acreditam e lutam por um mundo menos violento  
e mais justo.*

*A todos aqueles que de alguma forma me ajudaram a colocar as ideias no papel.*

# Prefácio

## Um livro perturbador

Gloria Perez  
*escritora e novelista*

A gente resiste muito a acreditar na existência do MAL enquanto prática humana! Mas ele está aí, vizinho, rondando cada um de nós, e nem damos conta! O que assusta nessas pessoas é que elas parecem tão comuns, tão gente igual à gente.

E, no entanto, a incapacidade de ter empatia pelo outro revela claramente que elas não são como a gente: psicopata não tem semelhante. Ele nem sabe o que é isso.

Este é um livro perturbador, porque nos faz descobrir que estamos sempre correndo o risco de ser a próxima vítima. Mas, ao mesmo tempo, nos dá as únicas armas possíveis para nos defendermos deles: a possibilidade de reconhecê-los para sair de perto!

Tem o mérito de tirar o psicopata do terreno do crime, onde o senso comum o confina, para mostrar que a maioria deles não chega ao assassinato, ainda que todos vivam de matar: sonhos, esperanças, a confiança que os outros depositam neles.

E ainda os diferencia, no meio carcerário, daquela maioria que realmente é recuperável e merece uma segunda chance.

A boa notícia, como diz a Ana Beatriz, é que eles são uma proporção muito pequena da população, de modo que podemos continuar apostando na humanidade!

**Panorama detalhado do comportamento dos psicopatas**

É com satisfação que me vejo convidado para tecer algumas considerações sobre o livro *Mentes perigosas*, obra tão oportuna quanto erudita que, ao se aprofundar no estudo científico e teórico do psicopata, traça os caminhos “para reconhecer e se proteger das pessoas frias e perversas, sem sentimento de culpa, que estão muito perto de nós”.

Este livro, tão minucioso e detalhado, é de grande importância para a sociedade. Ele proporciona ao leitor um panorama pormenorizado do comportamento dos psicopatas, delineando prevenções, resguardos e defesas das pessoas que eventualmente venham a se relacionar com eles.

Sem dúvida, a par do rigor técnico e do desembaraço com que a autora discorre nesta obra sobre a psicopatia, podemos verificar a utilidade do trabalho no sentido de estabelecer, de forma mais compreensível e útil, os meios com que os desavisados podem identificar e, por conseguinte, melhor se defender das investidas dos psicopatas.

Um livro de essência autenticamente psiquiátrica demonstra que a psicopatia decorre da própria natureza do ser. Nas hipóteses dos casos enunciados neste magnífico livro da dra. Ana Beatriz, naqueles em que há ação delituosa há de se aplicar o Código Penal.

Mas o direito evidentemente não se omite quanto aos demais casos. A própria Lei nº 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, trouxe inúmeros institutos cautelares, para que o juiz possa não só punir o autor como tomar determinadas medidas.

Não são poucas as medidas judiciais na esfera cível que instrumentaram nossa legislação, visando minimizar o sofrimento da vítima e fazer com que o autor do dano seja punido dentro de determinado limite, a ponto de desencorajá-lo a reincidir. Assim, entre outras ações, o ressarcimento por danos morais e materiais é um tipo de punição, conforme for o caso.

Dessa forma, mais uma vez, parablenizo a psiquiatra Ana Beatriz Barbosa Silva pelo seu admirável trabalho, útil a toda a sociedade. Mas, acima de tudo, cumprimento-a por trazer a lume uma questão que há muito vem preocupando a psiquiatria e o direito.

# Normais na aparência, perigosos nas atitudes

Talvane M. de Moraes  
*psiquiatra forense*

No momento em que recebi o convite da dra. Ana Beatriz Barbosa Silva para comentar o teor do seu novo livro, disse à autora que era louvável e corajosamente desafiadora a sua disposição de abordar um assunto tão complexo e controverso em psiquiatria: falar sobre os psicopatas.

A controvérsia sobre o tema é histórica, conhecida dos profissionais de saúde mental, sendo que alguns até evitam tratar do assunto porque a discussão poderá cair em terreno movediço e cheio de dúvidas técnicas.

O livro aborda, com grande profundidade e clareza didática, a questão dos transtornos de personalidade que são capazes de resultar em comportamentos antissociais graves.

Transitando por uma exposição clara e cientificamente bem fundamentada, a dra. Ana Beatriz faz um criterioso estudo de tais pessoas, que tanto preocupam cada um de nós, pois têm aparência de indivíduos normais, mas são perigosas em suas ações e atitudes. Enganosas em sua conduta, tornam-se de alto risco para aqueles com quem convivem, em razão do que se passa em sua mente. Podem estar próximas a nós, imperceptíveis até o momento do ataque final. Podemos, numa cilada da vida, ser vítimas desses anormais.

Trata-se de uma obra indispensável àqueles que desejam se aprofundar no mundo das diferenças psicológicas entre as pessoas, pois a diversidade do ser humano estabelece o desafio sobre o conhecimento interpessoal. Não somente os profissionais da área da saúde mental, mas todas as pessoas que desejam compreender a natureza humana devem ler este livro.

Eu poderia falar muito mais, mas você, leitor, tem o direito de descobrir as revelações do livro, caminhando pelos meandros dos desafios de *Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado*.

# Introdução

O escorpião aproximou-se do sapo, que estava à beira do rio. Como não sabia nadar, pediu uma carona para chegar à outra margem.

Desconfiado, o sapo respondeu:

— Ora, escorpião, só se eu fosse tolo demais! Você é traiçoeiro, vai me picar, soltar o seu veneno, e eu vou morrer.

Mesmo assim o escorpião insistiu, com o argumento lógico de que, se picasse o sapo, ambos morreriam. Com promessas de que poderia ficar tranquilo, o sapo cedeu, acomodou o escorpião em suas costas e começou a nadar.

Ao final da travessia, o escorpião cravou o seu ferrão mortal no sapo e saltou ileso em terra firme.

Atingido pelo veneno e já começando a afundar, o sapo, desesperado, quis saber o porquê de tamanha crueldade. E o escorpião respondeu friamente:

— Porque essa é a minha natureza!

Veza por outra, essa fábula surge em minha mente, seja no cotidiano profissional, seja por meio do acompanhamento das notícias diárias, pelos jornais e pela tv. Trata-se de uma história arquetípica, que ilustra exemplarmente a natureza das pessoas que serão analisadas e descritas ao longo deste livro.

A ideia de escrever sobre *psicopatas* surgiu em razão do momento violento, desumano e marcado por escândalos que nos abate, mas também serve como um alerta aos desprevenidos quanto à ação destruidora desses indivíduos. Devo admitir minha ousadia, mas não pude resistir às inúmeras solicitações dos meus leitores, pacientes, conhecidos e amigos.

Quando pensamos em psicopatia, logo nos vem à mente um sujeito com cara de mau, truculento, de aparência descuidada, pinta de assassino e desvios comportamentais tão óbvios que poderíamos reconhecê-lo sem pestanejar. Isso é um grande equívoco!

Para os desavisados, reconhecê-los não é uma tarefa tão fácil quanto se imagina. Os psicopatas enganam e representam muitíssimo bem! Seus talentos teatrais e seu poder de convencimento são tão impressionantes que eles chegam a usar as pessoas

com a única intenção de atingir seus sórdidos objetivos. Tudo isso sem nenhum aviso prévio, em grande estilo, doa a quem doer.

Mas quem são essas criaturas tão nocivas? São pessoas loucas ou perturbadas? O que fazem? O que sentem? Como e onde vivem? Todos são assassinos?

Este livro discorre sobre pessoas frias, insensíveis, manipuladoras, perversas, transgressoras de regras sociais, impiedosas, imorais, sem consciência e desprovidas de sentimento de compaixão, culpa ou remorso. Esses “predadores sociais” com aparência humana estão por aí, misturados conosco, incógnitos, infiltrados em todos os setores sociais. São homens, mulheres, de qualquer etnia, credo ou nível social. Trabalham, estudam, fazem carreiras, casam, têm filhos, mas, definitivamente, não são como a maioria das pessoas: aquelas a quem chamaríamos de “pessoas do bem”.

Em casos extremos, os psicopatas matam a sangue-frio, com requintes de crueldade, sem medo nem arrependimento. Porém o que a sociedade desconhece é que os psicopatas, em sua grande maioria, não são assassinos e vivem como se fossem pessoas comuns.

Eles podem arruinar empresas e famílias, provocar intrigas, destruir sonhos, mas não matam. E, exatamente por isso, permanecem por muito tempo, ou até uma vida inteira, sem ser descobertos ou diagnosticados. Por serem charmosos, eloquentes, inteligentes, envolventes e sedutores, não costumam levantar a menor suspeita de quem realmente são. Podemos encontrá-los disfarçados de religiosos, bons políticos, bons amantes, bons amigos. Visam apenas o benefício próprio, almejam o poder e o status, engordam ilicitamente suas contas bancárias, são mentirosos contumazes, parasitas, chefes tiranos, pedófilos, líderes natos da maldade.

A realidade é contundente e cruel; entretanto, o mais impactante é que a maioria esmagadora está do lado de fora das grades, convivendo diariamente com todos nós. Eles transitam tranquilamente pelas ruas, cruzam nossos caminhos, frequentam as mesmas festas, dividem o mesmo teto, dormem na mesma cama...

Apesar de mais de vinte anos de profissão, ainda fico muito surpresa e sensibilizada com a quantidade de pacientes que me procuram com sua vida arruinada, totalmente em frangalhos, alvejada por esses “seres bípedes” que sugam o nosso sangue e vampirizam a nossa alma.

É importante ressaltar que os psicopatas possuem níveis variados de gravidade: leve, moderado e grave. Os primeiros se dedicam a trapacear, aplicar golpes e pequenos roubos, mas provavelmente não “sujarão as mãos de sangue” nem matarão suas vítimas. Já os últimos botam verdadeiramente a “mão na massa”, com métodos cruéis sofisticados, e sentem um enorme prazer com seus atos brutais. Mas não se iluda! Qualquer que seja o grau de gravidade, todos, invariavelmente, deixam marcas de destruição por onde passam, sem piedade.

Além de psicopatas, eles também recebem as denominações de sociopatas, personalidades antissociais, personalidades psicopáticas, personalidades dissociadas, personalidades amorais, entre outras. Embora alguns estudiosos prefiram diferenciá-los, no meu entendimento, esses termos se equivalem e descrevem o mesmo perfil. No entanto, por uma questão de foro íntimo, e visando facilitar a compreensão, o termo *psicopata* será o utilizado neste livro.

A parte racional ou cognitiva dos psicopatas é perfeita e íntegra, por isso sabem perfeitamente o que estão fazendo. Quanto aos sentimentos, porém, são absolutamente deficitários, pobres, ausentes de afeto e de profundidade emocional. Assim, concordo plenamente quando alguns autores dizem, de forma metafórica, que os psicopatas entendem a letra de uma canção, mas são incapazes de compreender a melodia.

Com base nessa premissa, optei por não inserir trechos de letras de canções brasileiras na abertura dos capítulos, recurso narrativo que costumo adotar em minhas obras. Música é emoção, sentida com a alma. Entendo que repetir a mesma fórmula ao descrever o comportamento de criaturas desprovidas de afetividade seria, no mínimo, um contrassenso.

Aqui não me proponho, sob nenhuma hipótese, a oferecer ajuda terapêutica aos indivíduos com esse perfil. Ao contrário, o meu objetivo é informar o público em geral, para que fique de olhos e ouvidos bem abertos, despertos e prevenidos. Suas vítimas prediletas são as pessoas mais sensíveis, mais puras de alma e de coração...

Também tenho como propósito expor parâmetros para que possamos avaliar em que escala cada um de nós está contribuindo para promover uma cultura social na qual a psicopatia encontra um terreno fértil para prosperar.

Esta obra contém histórias reais que me foram relatadas por vítimas de psicopatas, direta ou indiretamente, e casos tratados com destaque na imprensa. Não estou afirmando que os exemplos aqui citados representam autênticos psicopatas, e sim que ilustram de forma bastante didática comportamentos que um psicopata típico teria. Além disso, todos os casos apresentados se prestam muito bem à exemplificação dos mais diversos níveis de psicopatia, desde os mais leves até os moderados e graves.

Dessa forma, tentei esquadrihar e tornar o tema o mais abrangente possível, a fim de responder a uma série de perguntas que, na maioria das vezes, nos deixa absolutamente confusos. Assim, espero contribuir para que as pessoas se previnam contra as ameaças que nos rondam de forma silenciosa. Estou convencida de que falhas em nossas organizações familiares, educacionais e sociais são dados importantes e merecem estudos aprofundados e toda a nossa atenção, mas esses fatores por si só não são suficientes para explicar o fenômeno da psicopatia.

A natureza dos psicopatas é devastadora, assustadora, e, aos poucos, a ciência

começa a se aprofundar e a compreender aquilo que contradiz a própria natureza humana.

O conteúdo aqui exposto é denso e intrigante. As páginas percorrem a mente sombria de criaturas cuja vida parece não ter se desenvolvido totalmente. Saber identificá-las pode ser um antídoto (talvez o único) contra seu veneno paralisante e mortal. Infelizmente, a desinformação nos torna vulneráveis, indefesos como sapos tolos fígados pelas habilidades camaleônicas dos escorpiões.

Prepare-se, porque certamente você conhece, já ouviu falar ou convive com um deles.

*Ana Beatriz Barbosa Silva*

Qualquer história sobre consciência é relativa à conectividade que existe entre todas as coisas do universo. Por isso, mesmo de forma inconsciente, alegamo-nos diante da natureza gentil dos atos de amor.

# 1

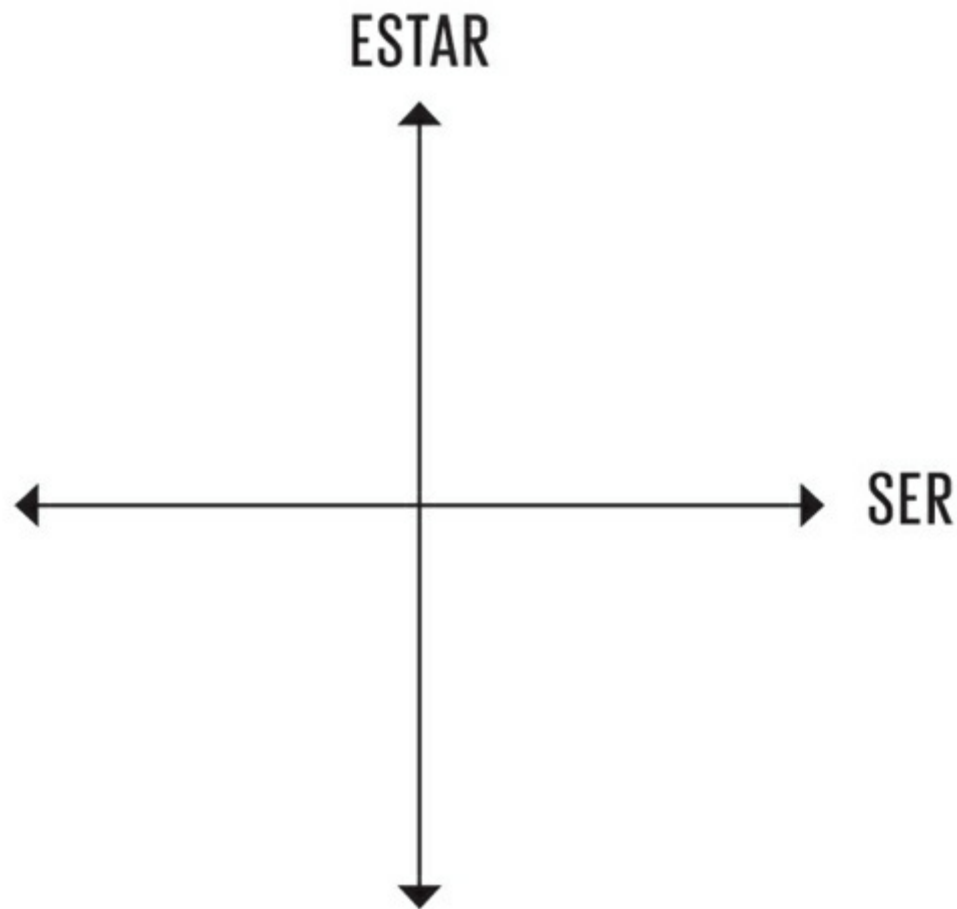
## **RAZÃO E SENSIBILIDADE**

### **Um sentido chamado consciência**

Lembro como se fosse hoje. Fecho os olhos e lá estamos, eu e meus colegas, no anfiteatro principal do Hospital Pedro Ernesto, no Rio de Janeiro. Aquilo que a princípio deveria ser mais uma das palestras do nosso vasto currículo do curso de medicina foi fundamental na minha vida profissional.

Era sexta-feira, nove horas da manhã, e eu me encontrava sonolenta e exausta, em função do plantão que havia feito na noite anterior. Confesso que por uns dez a quinze minutos quase rezei para que o palestrante faltasse ao compromisso. Dessa forma, poderia ir para casa, tomar um belo banho e dormir o sono dos justos sem nenhuma pontinha de culpa.

Por volta das 9h15, um homem franzino e muito branco, que trajava uma calça jeans e um discreto blusão azul, adentrou o auditório repleto de alunos, subiu no tablado e desenhou na lousa o seguinte gráfico:



Em tom provocador e entusiasmado, ele entonou em voz firme e forte a seguinte questão: “O que é consciência?”.

Ainda sob o impacto daquela estranha presença, que nem sequer havia se apresentado, a turma entreolhava-se de forma discreta, na expectativa de que alguém quebrasse o silêncio constrangedor que inundava o anfiteatro.

Por mais estranho que possa parecer, aquele silêncio me despertou, ou melhor, toda aquela situação me intrigou de alguma forma. Senti-me desafiada pelo questionamento que aquele homem havia jogado no ar!

Rapidamente, ajeitei-me na cadeira, esfreguei os olhos e impulsivamente disparei: “Bom dia, mestre. Sou estudante do terceiro ano desta faculdade (UERJ) e gostaria de saber o seu nome, a sua especialidade e uma pequena explicação sobre o gráfico na lousa”.

Por uma fração de segundo, percebi que tinha sido ligeiramente indelicada e também desafiadora. Quando deparei com o professor à minha frente, pude observar certo bom humor em sua fisionomia, o que foi confirmado por suas palavras: “Bom dia a todos os acadêmicos aqui presentes! Meu nome é Osvaldo e sou médico psiquiatra, professor assistente da cadeira de psiquiatria desta faculdade”.

Sem pestanejar, o professor Osvaldo, dirigindo-se a mim, fez valer a lei da ação e reação: “Vejo que você está muito interessada no tema de hoje. Então, vamos iniciar nossa aula com a sua descrição sobre a consciência”.

Naquele momento, percebi que o ditado “Quem está na chuva é pra se molhar” era inteiramente verdadeiro e, sem possibilidades de fuga, falei: “Professor, quando ouço a palavra consciência, dois sentimentos me vêm à cabeça: um de ordem prática, ou seja, se estou acordada ou não; e outro de ordem subjetiva, que me remete ao fato de eu ter consciência de quem sou e qual o meu papel no mundo”.

Com um sorriso de aprovação nos lábios, o professor continuou: “Em parte, você já explicou o gráfico aqui colocado. De certa forma, seu ponto de vista está correto. Mas vamos nos aprofundar um pouco mais nessas questões”.

Apontando para o desenho na lousa, ele prosseguiu:

“E<sub>STAR</sub> consciente é fazer uso da razão ou da capacidade de raciocinar e de processar os fatos que vivenciamos. E<sub>STAR</sub> consciente é ser capaz de pensar e ter ciência das nossas ações físicas e mentais. Na clínica médica, podemos averiguar o estado de alerta ou lucidez que uma pessoa apresenta em determinado momento. Assim, podemos perceber, num exame clínico, o estado ou nível de consciência, que podemos identificar como: lúcido, vígil, hipovígil, hipervígil, confuso, em coma profundo etc. Todos os termos atestam o nível de percepção que temos em relação ao mundo.

“Alguém que utilize certas doses de álcool, por exemplo, pode apresentar o seu nível de consciência reduzido (hipovígil) ou até mesmo atingir o estado de coma. De forma inversa, as anfetaminas (estimulantes) — muito utilizadas em dietas de emagrecimento — costumam fazer o cérebro trabalhar mais depressa, deixando as pessoas mais ‘acesas’, ‘elétricas’, com a fala rápida, e podem provocar insônia e muita irritabilidade. Esse estado é conhecido como hipervigilância.”

Finalmente alguém falava de forma clara como deveríamos iniciar um exame clínico dos nossos futuros pacientes. Entusiasmados e atentos às explicações do professor, fizemos inúmeras perguntas sobre acidentes automobilísticos, traumatismos cranianos, substâncias tóxicas e tantas outras situações que podem alterar nossos níveis de consciência.

A segunda parte da aula não se tratava mais de identificar o estado ou nível de consciência de alguém, mas sim de algo muito mais complexo. Agora a questão era “<sub>SER</sub> ou não <sub>SER</sub>”.

“Ser consciente não é um estado momentâneo em nossa existência, como dito anteriormente. Ser consciente refere-se à nossa maneira de existir no mundo. Está relacionado à forma como conduzimos nossa vida e, especialmente, às ligações emocionais que estabelecemos com as pessoas e as coisas em nosso dia a dia. Ser dotado de consciência é ser capaz de *amar!*”, concluiu o professor.

Ao soar o sinal, a maioria da turma se levantou, esvaziando o anfiteatro. Por alguns minutos, fiquei ali, pensativa, como se algo tivesse me atingido de forma estranha e paralisante. Vi o professor Osvaldo saindo; de longe, ele fez um gesto

discreto de despedida ao qual, sem querer, não consegui responder. Na minha mente, duas palavras ecoavam estridentes: consciência e amor! Eu não sabia explicar o porquê, mas, naquele momento, fui tomada por duas inquestionáveis certezas: eu estava lúcida (vígil) e experimentava uma emoção maravilhosa e transcendente de ser uma pessoa consciente.

De lá para cá, muitos anos se passaram, mas aquela aula — em especial, a sua parte final — foi decisiva na minha vida. A partir daquele dia, exercer a psiquiatria passou a ser parte inseparável da minha existência. Eu tinha a consciência de que a minha profissão seria um canal por onde emoções muito boas transitariam por toda a vida.

## Ser consciente é ser capaz de amar

Como visto na aula do professor Osvaldo, o termo *consciência* é ambíguo, sugerindo dois significados totalmente distintos. E por isso mesmo é compreensível que, a esta altura, o leitor esteja confuso. Na realidade, a consciência é um atributo que transita entre a razão e a sensibilidade. Popularmente falando, entre a cabeça e o coração.

Falar sobre consciência pode ser uma tarefa fácil e difícil ao mesmo tempo. O *fácil* são as explicações científicas sobre o desenvolvimento da consciência no cérebro, que envolvem engrenagens como atenção, memória, circuitos neuronais e estruturas cerebrais, as quais só serviriam para confundir um pouco mais. Nada disso vem ao caso agora; pelo menos não é esse o meu propósito. Portanto, esqueça! Aqui, vou considerar o lado *difícil*, subjetivo e relativo ao sentido ético da existência humana: o SER consciente.

Mostrar apreço pelas condutas louváveis, ser bondoso ou educado, ter um comportamento exemplar e cauteloso, preocupar-se com o que os outros pensam a nosso respeito nem de longe pode ser definido como consciência de fato. Afinal, a consciência não é um comportamento em si; nem mesmo é algo que possamos fazer ou em que pensamos. A consciência é algo que sentimos. Ela existe, antes de tudo, no campo da afeição ou dos afetos. Mais do que uma função comportamental ou intelectual, a consciência pode ser definida como uma emoção.

Peço licença e vou um pouco além: no meu entender, a consciência é um senso de responsabilidade e generosidade baseado em vínculos emocionais, de extrema nobreza, com outras criaturas (animais, seres humanos) ou até mesmo com a humanidade e o universo como um todo. É uma espécie de entidade invisível, que possui vida própria e que independe da nossa razão. É a voz secreta da alma, que

habita em nosso interior e que nos orienta para o caminho do bem.

A consciência nos impulsiona a tomar decisões totalmente irracionais e até mesmo com implicações de risco à vida. Ela permeia as nossas atitudes cotidianas (como perder uma reunião de negócios porque seu filho está ardendo em febre) e até as nossas ações de extrema bravura e de autossacrifício (como suportar a dor de uma tortura física e psicológica em função de um ideal). Assim, a consciência nos abraça e nos conduz pela vida afora, porque está em plena comunhão com o mais poderoso combustível afetivo: o amor.

De forma bem prosaica, imagine a seguinte situação: você está no aconchego do seu apartamento, depois de um dia exaustivo de trabalho e reuniões. Momentos depois, o interfone toca anunciando a visita inesperada de uma grande amiga. Ela está grávida de sete meses e chegou abarrotada de sacolas com as últimas compras do enxoval. Apesar do cansaço, você fica verdadeiramente feliz com a presença dela.

Por alguns momentos, vocês conversam alegremente sobre o bebê e os planos para o futuro e colocam as fofocas em dia. Lá pelas tantas da noite, sua amiga diz que precisa ir embora.

Em frações de segundo, você pensa: “Preciso tomar um banho e dormir; será que ela vai entender se eu não a acompanhar até a portaria do prédio?”, “Mas ela está grávida e tem tanta coisa pra carregar!”, “É melhor eu ir junto: foi isso o que me ensinaram”.

Bem, essa tagarelice mental, que azucrina tal qual um crime cometido, sem dúvida não é imoral. É absolutamente humana, natural e foge ao nosso controle. Mas também não é a sua consciência soprando em seu ouvido.

Ao contrário do “Vou ou não vou?”, você é imediatamente tomado por um impulso generoso e se flagra no elevador com sua amiga, carregando as bolsas e as sacolas. Chama um táxi, abre a porta do carro, diz ao motorista para ir com cuidado e se despedem felizes.

Hum! A consciência é assim mesmo: chega sem avisar e não complica: apenas faz!

Uma história mais comovente:

São Paulo, domingo, novembro de 2007. Cerca de três minutos após ter decolado do aeroporto Campo de Marte, um Learjet 35 caiu de bico sobre uma residência, onde moravam catorze pessoas de uma mesma família. No acidente morreram o piloto, o copiloto e seis pessoas que estavam na casa. Os vizinhos Airton, de dezesseis anos, e seu pai, o sr. Ângelo, de 75, correram para o sobrado da família Fernandes assim que ouviram o barulho da queda do avião. Pai e filho conseguiram salvar Cláudia Fernandes, de dezesseis anos. Eles ouviram o choro da garota, que tem autismo e brincava com sua amiga Láis na hora do acidente. Airton, emocionado, descalço e com a blusa suja de sangue e cinzas, lamentava ter conseguido salvar apenas uma única vida. O sr. Ângelo queimou a mão ao salvar Cláudia e, após ser atendido por médicos no local, permaneceu na rua tentando furar o bloqueio policial para

Sem nenhuma sombra de dúvida, podemos afirmar que Airton e Ângelo possuem consciência. E, naquela tarde de domingo, eles não pensaram; simplesmente agiram: isso é pura consciência em exercício.

Todas as pessoas portadoras de consciência se emocionam ao testemunhar ou tomar conhecimento de um ato altruísta, seja ele simples ou grandioso. Qualquer história sobre consciência é relativa à conectividade que existe entre todas as coisas do universo. Por isso, mesmo de forma inconsciente (sem nos darmos conta), alegramo-nos diante da natureza gentil dos atos de amor.

## A consciência genuína

No decorrer da nossa história, muitos estudos e teorias se formaram em torno da consciência e das inevitáveis polêmicas sobre o bem e o mal. Com o passar dos séculos, a consciência foi — e ainda é — alvo de discussões entre teólogos, filósofos, sociólogos e, mais recentemente, desafia e intriga cientistas e juristas.

De fato, conceituar ou definir consciência é algo extremamente complexo que pode gerar controvérsias por anos a fio. Isso porque ela está acima de teorias religiosas ou mesmo psicológicas e científicas.

A meu ver, ter consciência ou ser consciente trata-se de possuir o mais sofisticado e evoluído de todos os sentidos da vida humana: o sexto sentido. Atrevo-me a afirmar que tal sentido foi o último a se desenvolver na história evolutiva da espécie humana. Nossa humanidade, benevolência e condescendência devem ser atribuídas a esse nobre sentido. A consciência é criadora do significado de nossa existência e, de forma subjetiva, também é criadora do significado da vida de cada um de nós. Ela influencia e determina o papel que cada um terá na sociedade e no universo.

Como eu disse, a consciência é tão espetacular que só podemos senti-la, e talvez esteja aí toda a sua grandeza. Se existe alguma coisa de divino em nós, entendo que a nossa consciência seja essa expressão e, quem sabe, uma fração incalculável do tão falado e pouco praticado amor universal ou incondicional. Na verdade, esse sexto sentido é essencialmente baseado na compaixão e na verdadeira prática do amor.

Uma vez que a consciência está profundamente alicerçada em nossa habilidade de amar, em criar vínculos afetivos e nos abastecer dos mais nobres sentimentos, ela nos faz subjetivamente únicos, porém integrados e sincrônicos com o TODO maior e transcendente (tenha ele o nome que tiver, nos diversos povos ao redor do mundo).

A consciência genuína nos impulsiona a ir ao encontro do outro, colocando-nos em seu lugar e entendendo a sua dor. Somos tomados por gestos simples, como desejar bom dia àqueles que não conhecemos ou ligar para um amigo só para dizer: “Olá, como vai? Estou aqui para o que der e vier!”.

Inundados de consciência, pedimos desculpas sinceras àqueles que magoamos ou ferimos num momento de equívoco. Agradecemos aos nossos pais pela oportunidade da vida e pelos ensinamentos de retidão. Vibramos e nos emocionamos com a superação de um atleta, que derrama lágrimas ao subir no degrau mais alto do pódio.

Esse sexto sentido é que nos comove com as situações trágicas e também com a felicidade do encontro de irmãos separados desde a infância. Ele nos traz indignação diante do preconceito, do desrespeito às regras sociais, da intolerância ao próximo, da falta de educação, da corrupção e da impunidade.

A consciência nos inspira a zelar pelo nosso animal de estimação e a nos desesperarmos pelo desaparecimento dele. Inspira-nos a chorar copiosamente com o nascimento de um filho e a acompanhá-lo rumo à descoberta do mundo ao seu redor. Permite-nos sentir a profundidade de uma bela melodia, apreciar a exuberância de uma flor e exclamar: “Nossa, que linda!”.

A consciência gera movimentos de extrema grandeza pela paz e leva milhares de pessoas às ruas para protestar contra a violência; impulsiona o sacrifício voluntário e incondicional de pessoas que lutam em prol da humanidade. Ela alegra nosso coração com os primeiros raios de sol, anunciando que o dia será mais colorido, e também com a chuva que faz brotar a plantação, garantindo o nosso pão de cada dia.

É a consciência que nos impele a doar órgãos em momentos de extrema dor e a torcer por um final feliz. Impulsiona indivíduos a salvar muitas vidas, mesmo sabendo que pode ser o seu próprio fim. Leva-nos às preces, às orações e às correntes do bem, na esperança de dias melhores. Movimenta-nos contra a seca, a fome, o desmatamento das florestas e a destruição da camada de ozônio, que colocam em risco o rumo do planeta e o futuro das novas gerações.

Enfim, nos pequenos ou nos grandes gestos, a *consciência genuína* — e somente ela — é capaz de mudar o mundo para melhor.

Como animais predadores, vampiros ou parasitas humanos, esses indivíduos sempre sugam suas presas até o limite improvável de uso e abuso. Na matemática desprezível dos psicopatas, só existe o acréscimo unilateral e predatório, e somente eles são os beneficiados.

# OS PSICOPATAS

## Frios e sem consciência

Eles vivem entre nós, parecem-se fisicamente conosco, mas são desprovidos deste sentido tão especial: a consciência.

Muitos seres humanos são destituídos desse senso de responsabilidade ética, que deveria ser a base essencial de nossas relações emocionais com os outros. Sei que é difícil acreditar, mas algumas pessoas nunca experimentaram ou jamais experimentarão a inquietude mental, ou o menor sentimento de culpa ou remorso por desapontar, magoar, enganar ou até mesmo tirar a vida de alguém.

Admitir que existem criaturas com essa natureza é quase uma rendição ao fato de que o “mal” habita entre nós, lado a lado, cara a cara. Para as pessoas que acreditam no amor e na compaixão como regras essenciais entre as relações humanas, aceitar essa possibilidade é, sem dúvida, bastante perturbador. No entanto, esses indivíduos verdadeiramente maléficos e ardilosos utilizam “disfarces” tão perfeitos que acreditamos piamente que são seres humanos como nós. São verdadeiros atores da vida real que mentem com a maior tranquilidade, como se estivessem contando a verdade mais cristalina. Assim, conseguem deixar seus instintos maquiavélicos absolutamente imperceptíveis aos nossos olhos e sentidos, a ponto de não percebermos a diferença entre aqueles que têm consciência e os desprovidos do nobre atributo.

Por esse motivo, é natural que você esteja agora se perguntando, de forma íntima e angustiada, se as pessoas com as quais convive ou que fazem parte do seu mundo são dotadas de consciência ou não. Por isso, neste exato momento, proponho um passeio virtual (mental): pare e pense nos seus vizinhos; nos jovens nas escolas; nos trabalhadores da sua rua; nos profissionais de várias áreas; nos amigos dos seus amigos; nas mães que zelam pelos seus filhos; nos líderes religiosos e nos políticos de sua nação. Pare e pense agora nos seus familiares, no seu chefe, no seu subordinado. Será que todos, sem exceção, são dotados de consciência?

Torcemos para que <sup>SIM!</sup> Contudo, lamentavelmente, não é bem assim que a realidade se mostra. Poderíamos responder a essa mesma pergunta com um vigoroso <sup>NÃO!</sup> Qualquer uma das pessoas mencionadas como exemplo poderia, de fato, ser desprovida de quaisquer vestígios de consciência. Em outras palavras, elas estão absolutamente livres de constrangimentos ou julgamentos morais internos e podem fazer o que quiserem, de acordo com seus impulsos destrutivos.

Estamos pisando agora num terreno assustador, intrigante e desafiador: a mente perigosa dos psicopatas. Como já foi exposto na introdução deste livro, eles são identificados por diferentes nomenclaturas, como: sociopatas, personalidades antissociais, personalidades psicopáticas, personalidades dissociadas, entre outras. Muitos estudiosos preferem diferenciá-los, com explicações ainda subjetivas que, no meu entender, poderiam apenas confundir o leitor. Por causa da falta de um consenso definitivo, a denominação dessa disfunção comportamental tem despertado acalorados debates entre muitos autores, clínicos e pesquisadores ao longo do tempo. Alguns utilizam a palavra *sociopata* por pensar que fatores sociais desfavoráveis sejam capazes de causar o problema. Outras correntes, que acreditam no fato de fatores genéticos, biológicos e psicológicos estarem envolvidos na origem do transtorno, adotam o termo *psicopata*. Por outro lado, também não temos consenso entre instituições como a Associação de Psiquiatria Americana (DSM-IV-TR)<sup>[11]</sup> e a Organização Mundial de Saúde (CID-10).<sup>[12]</sup> A primeira utiliza o termo Transtorno da Personalidade Antissocial; já a segunda prefere Transtorno de Personalidade Dissocial.

Em face de tantas divergências, e com o intuito de facilitar o entendimento, resolvi unificar as diversas nomenclaturas e empregar apenas a palavra *psicopata*. Seja lá como for, uma coisa é certa: todas essas terminologias definem um perfil transgressor. O que pode suscitar uma pequena diferenciação entre elas é a intensidade com a qual os sintomas se manifestam.

É importante ressaltar que o termo psicopata pode dar a falsa impressão de que se trata de indivíduos loucos ou doentes mentais. A palavra psicopata literalmente significa doença da mente (do grego *psyche* = mente; e *pathos* = doença). No entanto, em termos médico-psiquiátricos, a psicopatia não se encaixa na visão tradicional das doenças mentais. Esses indivíduos não são considerados loucos nem apresentam algum tipo de desorientação. Também não sofrem de delírios ou alucinações (como a esquizofrenia) e tampouco apresentam intenso sofrimento mental (como a depressão ou o pânico, por exemplo).

Ao contrário disso, seus atos criminosos não provêm de uma mente adoecida, mas sim de um raciocínio frio e calculista combinado com uma total incapacidade de tratar as outras pessoas como seres humanos pensantes e com sentimentos.

Os psicopatas, em geral, são indivíduos frios, calculistas, inescrupulosos,

dissimulados, mentirosos, sedutores e que visam apenas o próprio benefício. São incapazes de estabelecer vínculos afetivos ou de se colocarem no lugar do outro. São desprovidos de culpa ou remorso e, muitas vezes, revelam-se agressivos e violentos. Em maior ou menor nível de gravidade, e com formas diferentes de manifestar os seus atos transgressores, os psicopatas são verdadeiros predadores sociais, em cujas veias e artérias corre um sangue gélido.

Os psicopatas são indivíduos que podem ser encontrados em qualquer etnia, cultura, sociedade, credo, sexualidade ou nível financeiro. Estão infiltrados em todos os meios sociais e profissionais, camuflados de executivos bem-sucedidos, líderes religiosos, trabalhadores, pais e mães “de família”, políticos etc. Certamente, cada um de nós conhece ou conhecerá algumas dessas pessoas ao longo da vida. Muitos já foram manipulados por elas, alguns vivem forçosamente com elas e outros tentam reparar os danos materiais e psicológicos por elas causados.

Por isso, não se iluda: esses indivíduos charmosos e atraentes frequentemente deixam um rastro de perdas e destruição por onde passam. Sua marca principal é a impressionante falta de consciência nas relações interpessoais estabelecidas nos diversos ambientes do convívio humano (afetivo, profissional, familiar e social). O jogo deles se baseia no poder e na autopromoção à custa dos outros, e eles são capazes de atropelar tudo e todos com total egocentrismo e indiferença.

Muitos passam algum tempo na prisão, mas, para a infelicidade coletiva, a grande maioria deles jamais esteve numa delegacia ou em qualquer presídio. Como animais predadores, vampiros ou parasitas humanos, esses indivíduos sempre sugam suas presas até o limite improvável de uso e abuso. Na matemática desprezível dos psicopatas, só existe o acréscimo unilateral e predatório, e somente eles são os beneficiados.

Cabe aqui uma breve ressalva. Todos nós, dotados de consciência, podemos, em um momento qualquer da vida, magoar ou insultar o próximo, cometer injustiças ou equívocos e, em casos extremos, matar alguém sob forte impacto emocional. Afinal, somos humanos, e nem sempre estamos com nossa consciência funcionando cem por cento: somos influenciados pelas circunstâncias ou pelas necessidades.

Além disso, vivemos numa sociedade com valores distorcidos, competitiva, de poucas referências, que nos leva a querer tirar vantagens aqui e acolá. Essas derrapagens e esses deslizamentos a que estamos sujeitos em nossa jornada definitivamente não nos tornam psicopatas. Um belo dia, o senso ético nos faz refletir sobre nossas condutas, voltar atrás e rever nossos conceitos do que é certo ou errado. Caso contrário, o remorso nos perseguirá, torturará e, dependendo da extensão, jamais nos deixará em paz. Por isso, é sempre bom o leitor ter em mente que, aqui, eu me refiro às pessoas de má índole, que cometem suas maldades por puro prazer e diversão e sem vestígios de arrependimento. Esta última palavra

simplesmente não existe no parco repertório emocional dos psicopatas.

Como exemplo de uma pessoa capaz de assassinar alguém tomada por violenta emoção — e nem por isso pode ser considerada uma psicopata —, cito o caso da dona de casa Maria do Carmo Ghislotti, de 31 anos. Em fevereiro de 2006, ela matou o adolescente Robson Xavier de Andrade, de quinze anos, com uma facada no pescoço, por este ter estuprado seu filho de apenas três anos. Maria do Carmo e seu marido flagraram Robson cometendo o delito quando ouviram o choro e os gritos no quintal da casa deles. Horas depois, na Delegacia de Defesa da Mulher em São Carlos, interior de São Paulo, Maria do Carmo se reencontrou com Robson e o atacou. Ao ser questionada sobre seu ato, ela declarou: “Na delegacia, achei uma facinha velha num cantinho. Coloquei na cintura. O rapazinho me falou: ‘Não vai dar nada, sou de menor’. Ele me olhava e dava risada. Perdi o juízo. Quando vi, já tinha feito. Ele estragou a vida do meu filho. Qual mãe ia aguentar?”.

Maria do Carmo foi inocentada pelo júri popular, que acatou os argumentos dos advogados de defesa Helder Clay e Arlindo Basílio. Eles alegaram que, no momento do crime, Maria do Carmo ainda estava sob forte abalo psicológico, em função da violência praticada contra seu filho.<sup>[3]</sup>

É claro que não estou, em absoluto, defendendo que façamos justiça com as próprias mãos. Mas, no meu entender, essa trágica história é perfeitamente compreensível. Considero Maria do Carmo uma vítima que, no calor da emoção, agiu por amor ao filho.

O fenômeno da psicopatia precisa ser exposto e explicitado a toda a sociedade da forma como o tema é de fato: um enigma sombrio com drásticas implicações para todas as pessoas de bem que lutam diariamente para a construção de uma sociedade mais justa e humana. Após séculos de especulações e décadas de estudos — a maioria deles baseada na experiência dos seus autores —, esse mistério começa a ser revelado.

Segundo o psicólogo canadense Robert Hare, uma das maiores autoridades sobre o assunto, os psicopatas têm total ciência dos seus atos (a parte cognitiva ou racional é perfeita), ou seja, sabem perfeitamente que estão infringindo regras sociais e por que estão agindo dessa maneira. A deficiência deles (e é aí que mora o perigo) está no campo dos afetos e das emoções. Assim, para eles, tanto faz ferir, maltratar ou até matar alguém que atravesse o seu caminho ou os seus interesses, mesmo que esse alguém faça parte de seu convívio íntimo. Esses comportamentos desprezíveis são resultados de uma escolha exercida de forma livre e sem nenhuma culpa.

A mais evidente expressão da psicopatia envolve a flagrante violação criminosa das regras sociais. Sem nenhuma surpresa adicional, muitos psicopatas são assassinos violentos e cruéis. No entanto, como já foi dito, a maioria deles está do lado de fora das grades, utilizando, sem consciência alguma, habilidades

manipuladoras contra suas vítimas — que, para eles, funcionam apenas como troféus de competência e inteligência.

Reafirmo: é comum depararmos com pessoas de boa índole (até mesmo de alto nível intelectual e cultural) que duvidam de que os psicopatas possam existir de fato. Para sanar essa dúvida, basta observar a grande quantidade de pessoas mostradas na mídia diariamente: assassinos em série, pais que matam seus filhos, filhos que matam seus pais, estupradores, ladrões, golpistas, estelionatários (os famosos “um-sete-um”), gangues que ateiaram fogo em pessoas, homens que espancam a esposa, criminosos de colarinho-branco, executivos tiranos, empresários e políticos corruptos, sequestradores...

Todos os crimes cometidos por esses indivíduos, de pequena ou grande monta, deixam-nos tão perplexos que a nossa tendência inicial é buscar explicações no mínimo razoáveis. E então especulamos: “Ele parecia tão bom... o que aconteceu?”, “Será que ele não regula muito bem, estava drogado ou perturbado?”, “Será que foi maltratado na infância?”. E, mergulhados em tantas perguntas, *incorremos no erro de justificar e até “entender” as ações criminosas dos psicopatas*. Passe a ler os jornais sob esse novo prisma (a falta de consciência) e você perceberá rapidamente o quão assustador é o problema. Convenhamos: não é chocante saber que tais comportamentos moralmente incompreensíveis são exibidos por pessoas aparentemente “normais” ou comuns?

É preciso estar atento para o fato de que, ao contrário do que se possa imaginar, existem muito mais psicopatas que não matam do que aqueles que chegam à desumanidade máxima de cometer um homicídio. Cuidado: os psicopatas que não matam não são, em absoluto, inofensivos! Eles são capazes de provocar grande impacto no cotidiano das pessoas e são igualmente insensíveis. Estamos muito mais propensos e vulneráveis a perder nossas economias ao cair na lábria manipuladora de um golpista do que perder a vida pelas mãos dos assassinos.

Dizem que a vida imita a arte, e vice-versa. Desse ponto de vista, costumo acreditar na segunda opção: a arte imita a vida. Se observarmos bem, existem diversos filmes em que os personagens principais ou secundários dão vida, voz e ação aos diversos tipos de psicopatas, sejam eles golpistas ou estelionatários, grandes empresários ou políticos inescrupulosos, ou ainda os assassinos cruéis e impiedosos que agem de forma repetitiva e sistemática (os ditos *serial killers*).

Desde que o cinema existe, os psicopatas sempre estiveram presentes entre seus grandes personagens. Sob esse aspecto, os filmes sobre vampiros são, a meu ver, os que sempre tiveram os psicopatas como os grandes astros em cena. Assim como os vampiros da ficção, os psicopatas estão sempre de tocaia. Neste exato instante em que você lê este livro, eles estão agindo por aí: nas ruas, em plena luz do sol, procurando suas “presas”, às mesas de seus escritórios envolvidos em negociações

escusas ou mesmo sob o teto acolhedor de um lar que em instantes será devastado.

Eles estão por toda parte, perfeitamente disfarçados de gente comum e, tão logo suas necessidades internas de prazer, luxúria, poder e controle se manifestarem, se revelarão como realmente são: feras predadoras.

Os psicopatas são os vampiros da vida real. Não é exatamente o nosso sangue o que eles sugam, mas sim nossa energia emocional. Podemos considerá-los autênticas criaturas das trevas. Possuem um extraordinário poder de nos importunar e de nos hipnotizar com o objetivo maquiavélico de anestesiar nossa capacidade de julgamento e nossa racionalidade. Com histórias imaginárias e falsas promessas, fazem-nos sucumbir ao seu jogo, e, totalmente entregues à nossa própria sorte, perdemos nossos bens materiais ou somos dominados mental e psicologicamente.

O mais surpreendente é que, a princípio, os psicopatas aparentam ser melhores que as pessoas comuns. Mostram-se tão inteligentes, talentosos e até encantadores como o próprio conde romeno que o cinema immortalizou como o Conde Drácula. Inicialmente nos despertam confiança e simpatia, e acabamos por esperar mais deles do que das outras pessoas. Ilusórias expectativas! Esperamos, mas não recebemos nada positivo e, no fim das contas, amargamos sérios prejuízos em diversos setores da nossa vida.

Sem nos darmos conta, acabamos por convidá-los a entrar em nossa vida e, quase sempre, só percebemos o erro e o tamanho do engodo quando eles desaparecem inesperadamente, deixando-nos exaustos, adoecidos, com uma enorme dor de cabeça, a carteira vazia, o coração destroçado e, nos piores casos, com vida perdida. Para os psicopatas, essa sucessão de fatos irresponsáveis é absolutamente normal. Afinal de contas, seduzir e atacar uma “presa” é seu objetivo maior, e, tal qual o escorpião da fábula ilustrada na introdução do livro, essa é a sua natureza!

Apesar de todo o estrago, muitas pessoas vitimadas por eles ainda se perguntam e exclamam: “Será que o erro foi meu ou foi dele?”, “Onde foi que eu errei para que aquela pessoa que era tão boa e fascinante se transformasse num monstro sem escrúpulos?”, “Meu Deus, a culpa disso tudo é minha?!”.

Tenha absoluta certeza: o problema são *eles*. São vampiros humanos, ou, se preferir, predadores sociais. Adoraria dizer que encontrá-los por aí é algo raro e improvável, mas, se assim eu fizesse, estaria agindo como um deles: mentindo, omitindo a verdade e impossibilitando você de se precaver contra as maldades e perversidades deles. Essa diferença entre o funcionamento emocional normal e a psicopatia é tão chocante que, quase instintivamente, nos recusamos a acreditar que de fato possam existir pessoas com tal vazio de emoções. Infelizmente, essa nossa dificuldade em acreditar na magnitude dessa diferença (ter ou não ter consciência) nos coloca permanentemente em perigo.

## Moreno, alto, bonito e sensual

Andréa estava separada havia um ano quando conheceu Rafael numa festa. Tratava-se de um advogado comum, com roupas despojadas, jeito sedutor e um sorriso que contagiava todo o ambiente. Seus cabelos escuros, lisos e bem tratados emolduravam o belo rosto com olhos castanhos e encantadores.

Ele se aproximou de Andréa e iniciaram um papo animado, como se já se conhecessem havia muito tempo. Ela narrava sua mais recente viagem aos Estados Unidos, onde se refugiou para esquecer os últimos acontecimentos. Já Rafael falava, com riqueza de detalhes, sobre a Europa e por que o Velho Mundo o fascinava tanto.

Rafael delicadamente lhe servia drinques, canapés e, vez por outra, contava piadas absolutamente engraçadas que a faziam rir como nunca. Ele era habilidoso e performático em narrar histórias divertidas, e ela se via cada vez mais encantada com aquele homem tão especial, que estava a um palmo de distância.

Outros encontros vieram, e sempre tão agradáveis quanto o primeiro. Andréa pensou: “Meu Deus, isto é tudo de bom! Encontrei o homem que toda mulher sonha em ter ao seu lado!”. Ela estava se apaixonando novamente e deixando para trás a amargura do casamento fracassado.

Com alguns meses de namoro, Andréa ainda não conhecia a casa e a família de Rafael. Sabia que morava com a mãe viúva, que ele alegava ser uma pessoa muito difícil, possessiva e indelicada com suas namoradas. Por isso, não queria novamente que sua felicidade fosse “ladeira abaixo” com o ciúme doentio da mãe. Andréa compreendeu.

O tempo passou, e algumas atitudes de Rafael começaram a intrigá-la: ao mesmo tempo que era amável e sociável, ele se mostrava intolerante, impulsivo e, às vezes, preconceituoso. Um dia, ao fazerem compras juntos, agarrou um garoto pelo colarinho, simplesmente porque o menino esbarrou no seu carrinho de compras. “Por que você foi tão agressivo com ele?”, ela perguntou. “Porque não fui com a cara dele”, foi a resposta. Ao saírem do supermercado, um funcionário se ofereceu para colocar as compras no carro. Rafael o empurrou com tanta força que por pouco o rapaz não tombou indefeso no meio da calçada. Partindo com o carro, constrangida, Andréa ainda ouviu o rapaz gritar: “Você está louco? Eu só quis ajudar!”.

Não tocaram mais no assunto. Apesar do que aconteceu, Rafael estava calmo e dirigia com cuidado, como se nada tivesse acontecido. Ligou o rádio, comprou flores pelo caminho e contou mais algumas piadas. Dessa vez, ela não achou a menor graça.

Andréa comentou com seus amigos sobre esses e outros episódios contraditórios, mas ninguém deu muita importância: “Ele parece ser um cara legal; deve ser apenas

uma fase de estresse”, “Não fique tão preocupada; todos nós temos defeitos, e vocês formam um belo casal”.

Dois meses depois, Rafael quis trocar de carro e convenceu Andréa a emprestar suas economias. Ele estava prestes a receber seus honorários e, em poucos dias, devolveria o dinheiro. Ela não questionou; apenas confiou e raspou sua poupança. Ele nunca mais deu sinal de vida.

Em pouco tempo, toda a verdade foi descoberta: Rafael era um impostor, um tremendo picareta! Não era advogado, nunca havia trabalhado e jamais colocara os pés na Europa. Apesar de sua inteligência, na fase escolar, só estudava para passar aos trancos e barrancos. Seus pais adoravam cachorros, mas abriram mão desse prazer porque Rafael os maltratava e ria enquanto sua irmã mais nova chorava em defesa dos cães. Havia poucos anos seu pai morrera de um infarto fulminante e lhes deixara uma gorda pensão. Rafael já era homem-feito e ainda apelava para o bom coração da mãe, que lhe assegurava uma boa mesada.

Andréa não foi a primeira e, com certeza, não será a última pessoa do mundo a ser enganada por ele. Provavelmente Rafael jamais matará alguém (isso só o tempo dirá), mas continuará vivendo de “golpes baratos”, aproveitando-se de mulheres fragilizadas e se divertindo com seus feitos. Com sua habilidade de ludibriar, seduzir e até assustar, sente-se superior a todos e os vê como tolos. Alvos fáceis. Rafael não se importa com ninguém. Rafael é um psicopata.

A piedade e a generosidade das pessoas boas podem se transformar em uma folha de papel em branco assinada nas mãos de um psicopata. Quando sentimos pena, estamos vulneráveis emocionalmente, e é essa a maior arma que eles podem usar contra nós.

## PESSOAS NO MÍNIMO SUSPEITAS

Acredito que todo mundo conheça uma pessoa meio imprestável, encostada no outro e vivendo folgadoamente à custa dele. Vamos lá, faça um esforço e vasculhe os “arquivos” salvos em suas pastinhas mentais; certamente você encontrará um amigo ou uma amiga, um cunhado, um parente distante, um conhecido, ou, em última instância, lembrará uma história que lhe contaram.

Essas pessoas estão sempre com desculpas esfarrapadas na ponta da língua, justificando que os tempos estão “bicudos” e que arrumar emprego não está nada fácil. Também existe aquela velha história de que a saúde não anda lá essas coisas, dói aqui, dói acolá, e enfrentar o batente não vai dar. Pois é: então analise comigo esse comportamento aparentemente inofensivo e que pode ser encontrado ao nosso redor.

Maria se formou em odontologia antes de completar 22 anos e deu seu grito de independência. Arrumou seu primeiro emprego dentro da área que escolheu e alugou um pequeno apartamento no Rio de Janeiro. Pouco tempo depois, Carla, uma conhecida do interior de Santa Catarina e dois anos mais jovem, entrou em contato. Papo vem, papo vai, Carla perguntou se poderia passar uns tempos na casa de Maria, já que as chances de emprego e estudos eram bem maiores.

Maria não viu nada de mais naquele pedido. Ao contrário, deu a maior força, na intenção de ajudá-la. Para Maria, dar apoio a uma amiga era absolutamente natural, e, de mais a mais, ela estava morando sozinha. O que custava acolher alguém por alguns meses em sua casa? Carla chegou de mala e cuia e se acomodou no apartamento pequeno, mas bem equipado.

Maria trabalhava o dia todo e estudava com afinco para dar conta do seu curso de pós-graduação que iniciara havia alguns meses. Carla ficava em casa, assistindo TV, recebendo amigos e assaltando a geladeira. Se havia alguma coisa que Carla sabia fazer muito bem era conquistar pessoas e conduzir com habilidade uma conversa agradável. Isso era um verdadeiro dom. Levava quem quisesse no bico e desfrutava

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Mentes perigosas"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).